

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

UMA ANÁLISE DE CONTEÚDO SOBRE AS BENZEDEIRAS NAS PÁGINAS DO JORNAL *O PIONEIRO* DE CAXIAS DO SUL (1948 - 2002)

Patrícia Cristiane Franco*

RESUMO

O presente trabalho se propõe realizar uma Análise de Conteúdo (AC) aos moldes de Laurence Bardin, a respeito das benzedeadas nas páginas do jornal *O Pioneiro* de Caxias do Sul – Rio Grande do Sul, através do acervo digital do jornal, preservado pelo Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami na plataforma de hospedagem da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. O artigo se desenvolve analisando as reportagens que “ora discriminam e ora enaltecem as benzedeadas” no decorrer da segunda metade do século XX em uma sociedade conservadora e em franco desenvolvimento.

Palavras chaves: benzedeadas (s), análise de conteúdo, imprensa, jornal *O Pioneiro*.

1 INTRODUÇÃO

Fazer uma Análise de Conteúdo (AC) é um processo que demanda tempo e uma fonte com um corpus considerável. Tempo e fonte, dois elementos que norteiam a vida de qualquer historiador. Na História Cultural, estudamos o modo de fazer e de ser de determinados atores sociais. Para o corrente trabalho, buscamos a figura da benzedeadas, que teve significativa importância na construção do tecido social e cultural, desempenhando a função acolhedora e “curadora do corpo e da alma” de muitos indivíduos, desde os tempos mais remotos, até os dias atuais. Embora tenham muitas outras denominações, nos mais variados tempos, vamos nos deter ao termo benzedeadas e benzedeadas como principais códigos da análise e no recorte temporal que a nossa fonte permitiu pela sua disponibilidade de acesso nesses tempos de pandemia do COVID 19: será a segunda metade do século XX, nas páginas do jornal *O Pioneiro* de Caxias do Sul, conservado pelo Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami e disponibilizados na

* Graduada em História Licenciatura pela Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí), mestranda em História, Cultura e Patrimônio pela Universidade de Passo Fundo.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

plataforma de Hemeroteca Nacional - acervo digital. O objetivo maior será refletir sobre o olhar destinado a essas mulheres e homens que buscavam curar as mais diversas enfermidades do corpo e da alma, através de orações e demais objetos de representação, expondo a sua prática a uma sociedade conservadora, católica e em pleno crescimento.

2 DESENVOLVIMENTO

Uma das invenções mais significativas e transformadoras no campo da escrita e da leitura, foi a máquina de impressão tipográfica inventada pelo alemão Johann Gutenberg no século XV. Através da prensa de Gutenberg foi possível reproduzir e propagar livros e escrituras que antes dependiam da escrita manual e se restringiam a uma pequena parcela de pessoas, geralmente escribas, nobres, religiosos e estudiosos. A imprensa ganhou impulso e se difundiu como método de informação e divulgação. No Brasil, a imprensa chega junto com a família real em 1808. Era censurado qualquer tipo de divulgação de periódico informativo na colônia, visto o receio da corte portuguesa sobre a divulgação de ideias contrárias à monarquia:

Livros e jornais eram impedidos de circular livremente. Uma carta de dom Rodrigo e de Sousa Coutinho ao governador da Bahia, dom Fernando José de Portugal, recomendava vigilância severa sobre a circulação de livros, pois havia informações na corte de que os principais cidadãos de Salvador, se achavam infectados dos abomináveis princípios franceses”. Quem ousasse expressar opiniões em público contrárias ao pensamento vigente na corte portuguesa, corria o risco de ser preso, processado e, eventualmente, deportado. Imprimi-las, então, nem pensar. (GOMES, 2014, p. 123)

Porém, produzido na Inglaterra, circulava clandestinamente, “O Correio Braziliense”, do jornalista Hipólito José da Costa, personagem que, segundo Laurentino Gomes (2014), ao mesmo tempo que “defendia a liberdade de expressão e ideias liberais, acabaria inaugurando o sistema de relações promíscuas entre imprensa e governo no Brasil” (p.125). O primeiro jornal oficial e impresso no Brasil foi a Gazeta do Rio de Janeiro, em 10 de setembro de 1808, usando das máquinas tipográficas da imprensa régia e divulgando apenas o que fosse de interesse da corte portuguesa. Embora com atraso em relação aos países da América Espanhola e Inglesa, a imprensa no Brasil se desenvolveu e se proliferou desempenhando um importante papel nas relações sociais.

No contexto da historiografia, a imprensa passará a ter um papel significativo a partir dos anos 1970, com a Terceira Geração dos Annales e o surgimento da Nova

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

História, com novos objetivos, problemas e abordagens, interagindo com outras áreas das ciências humanas, como a sociologia, a antropologia, psicanálise, linguística, entre outros, possibilitando ao historiador, observar e analisar novos personagens e narrativas em seu microcosmo. Sendo assim, sem ignorar completamente a História total, mas com liberdade para olhar a micro história; a história dos vencidos; a história local, o historiador pode buscar narrar a história de vários “Menocchios”, como bem fez, Carlo Ginzburg em: *O Queijo e os Vermes* de 1976, visto o entendimento de que o tecido social é construído pelas mãos de múltiplos indivíduos e diversas visões de mundo. Para essa nova escrita, que já não é tão recente assim, faz-se uso de diversas ferramentas (fontes, metodologia), entre elas, a imprensa. Nessa perspectiva, a imprensa será a nossa fonte para analisarmos a forma como eram representadas as benzedeadas na cidade de Caxias do Sul, na segunda metade do século XX e a Análise de Conteúdo (AC) de Laurence Bardin, será a metodologia norteadora.

O trabalho do historiador, mediante um objetivo específico, demanda fontes e também uma metodologia adequada de análise dessas fontes. No caso de um trabalho que tem por fonte a imprensa, é necessário olhar também os bastidores da notícia, ou seja, para quem e com quais intenções trabalha a sala de redação. O jornal *O Pioneiro* nasce em 04 de novembro de 1948, no nordeste do Rio Grande do Sul, na cidade de Caxias do Sul, uma cidade que teve uma colonização majoritariamente realizada por imigrantes italianos e católicos, sendo a segunda maior cidade do estado em número populacional segundo o censo do IBGE (2010). Apesar de buscar demonstrar “um tom” que abrangesse aos interesses de todos os seus possíveis leitores, ou como menciona em sua primeira edição, ser um “moderador de ideias”, o jornal *O Pioneiro* esteve por muito tempo ligado ao Partido de Representação Popular (PRP) e a um grupo de empresários locais. Na época de sua fundação, Caxias do Sul contava com apenas dois semanários, *A Época* e *O Momento*. Esse viés político e ideológico se confirma através de Bocchese (2019), quando o mesmo cita:

O Pioneiro foi uma iniciativa do Deputado Estadual Dr. Luiz Compagnoni e surgiu baseado em duas ordens de influência. Uma voltada à valorização das raízes socioculturais da cidade, e outra, político-partidária, ligada à Ação Integralista Brasileira [...]. A luta contra o comunismo foi uma das ideias-força do novo jornal. Nos seus primeiros números o ataque dá-se de forma brutal [...]. (Bocchese, 2019 apud POZENATO; GIRON, 2004, p. 114).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Esse ideário político, também foi manifestado através de medidas reacionárias e do apoio ao Golpe Militar de 1964, fato recorrente a maior parte da imprensa brasileira da época. (Bocchese, 2019, p. 120)

Apesar do jornal surgir como um semanário, seus proprietários e editores, logo manifestaram a intenção de fazer do mesmo, um produto diário, fato que ocorreu a partir de 1981. O jornal *O Pioneiro* apresentava nas primeiras décadas de existência, modernas estruturas gráficas sendo “o primeiro jornal da cidade a ser composto em máquina 'Intertype' que permitia fundir linha por linha, com bastante rapidez”. (Bocchese, 2019, apud RODRIGUES, 1988), situação comum à época em jornais de todo país. Sua modernização continuou acompanhando a evolução da cidade de Caxias do Sul, bem como dos 64 municípios de sua abrangência. Em 1993, passa a pertencer ao Grupo RBS (Rede Brasil Sul de Televisão). Em 03 de dezembro de 2020, todos os conteúdos do jornal e da Rádio Gaúcha Serra migram para a plataforma GZH, do mesmo grupo. O jornal *O Pioneiro*, possui também, uma versão online desde 2008, e aplicativos para IOS desde 2011 e Android desde 2012.

É nessa fonte de imprensa - *O Pioneiro*, nesse recorte geográfico e temporal que vai de 1948 e 2002 (acervo digital do jornal disponibilizado na Hemeroteca Nacional) que pretendemos analisar como era percebida e transcrita a figura da benzedeira em suas páginas. Essa segunda metade do século XX, talvez pareça um recorte temporal muito vasto para uma pesquisa, mas dada a temática não ser muito difundida na imprensa, nos permite somar um *corpus* possível de análise.

2.1 Metodologia

As benzedeadas, como chamaremos nesse trabalho as mulheres que executam práticas de benzimento dos mais diversos, costumam trabalhar de forma discreta, visto o preconceito que muitas vezes as rodeia, seja por parte das instituições religiosas oficiais ou dos praticantes da medicina convencional e oficial. Benzedeadas não são figuras constantes na imprensa, assim como os políticos e celebridades. Então, a primeira etapa da AC se concentrou em uma leitura flutuante, uma exploração do material disponível na Hemeroteca Nacional. Após essa leitura levamos em conta a orientação de Bardin (1977),

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

quando diz que: “tratar o material é codificá-lo”(p.103). Para tal, codificamos dois termos: “benzedeira” e “benzedeiras” e encontramos algumas ocorrências (OC):

Tabela 1: Ocorrência dos termos benzedeira e benzedeiras em O Pioneiro (1949-2002)

Código	Benzedeiras	Benzedeira
Nº de ocorrências	12	46
Período	1949 a 1998	1957 a 2002

Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Tabela da autora.

Não se somou um número pujante de ocorrências, mas o objeto em sua história, já nos preparava para isso. Como já mencionado, benzedeiras fazem parte de uma camada que fica mais circunspecta na sociedade. Ao total (soma de todos os códigos), contabilizamos 58 ocorrências.

Analisamos as ocorrências, através de uma leitura flutuante e posterior classificação, listando data, edição, manchete/título, autor/jornalista responsável pela escrita, tipo de texto editorial e características gráficas de cada ocorrência. Foi possível perceber a existência das benzedeiras e suas práticas de benzimento naquela sociedade local e naquele período de tempo. Porém, por si só, os códigos não nos revelavam o que tínhamos por objetivo descobrir, como essas personagens eram vistas e retratadas. Dessa forma, partimos para as unidades de contexto, a fim de classificar cada ocorrência.

Tabela 2: exemplificando o primeiro momento (a codificação) da AC:

Unidade de Registro – Personagem – Código: <u>Benzedeiras</u>						
OC	Data	Edição	Manchete/título	Autor	Tipo de texto editorial	Características gráficas relevantes
01	26/02/1949	00017	“Os práticos licenciados e os problemas das farmácias – quem são os inimigos dos farmacêuticos?” P.07	Eduardo de Barros Duarte – Poa / MG	Texto Coluna	Plínio Salgado assina uma coluna nesta edição, o que denota o espírito conservador do jornal. Capa texto sobre Ana Rech. Trazia muitas informações de ordem religiosa e

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

						um conto em língua italiana.
--	--	--	--	--	--	------------------------------

Tabela 2: da autora.

Segundo Bardin (1977), “a unidade de contexto serve de unidade de compreensão para codificar a unidade de registro e corresponde ao segmento da mensagem” (p.107), sendo assim, classificamos os códigos da unidade de registro em “direção” (contexto positivo, negativo e imparcial). O código será classificado como de direção positiva, quando estiver inserido em um contexto de expressão que não fere a prática da benzedeira, quando for aceito como uma subjetividade; como direção negativa, quando o código estiver inserido em um contexto de expressão que fere ou julga de forma pejorativa a prática do benzimento; e imparcial, quando o código é apenas citado ou exemplificado dentro de um contexto que não lhe abrange diretamente. A relevância do contexto e sua direção é o que orienta a análise do conteúdo.

Tabela 3 exemplificando o segundo momento (a análise) da AC.

Unidade de Registro – Personagem – Código: <u>Benzedei</u>ras				
Unidades de Contexto/enumeração (pesquisa dedutiva): direção				Prévia análise subjetiva (qualitativa)
Direção				
OC Ano	Positiva	Negativa	Imparcial	
01 1949		“Doutro lado nos chamam de charlatão e leigos na profissão, e esquecem que neste vasto Brasil, existem aos milhares os curandeiros, as cirurgiãs, as <u>benzedei</u> ras que ganham bom dinheiro, não pagam impostos e “trabalham” com toda a liberdade e garantia dos poderes públicos, alguns chegando mesmo a ficarem ricos e fazendeiros...”		O texto se refere a disputa entre farmacêuticos formados e os chamados práticos da profissão, pessoas que trabalhavam em funções semelhantes aos farmacêuticos, porém, pelo conhecimento prático adquirido através da experiência de vida e sem um diploma universitário. Nesse contexto, as benzedei

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

				uma citação imparcial do código, porém há uma contradição.
--	--	--	--	--

Tabela 3: da autora.

Ressaltamos aqui que essa codificação de direção é fruto da análise do pesquisador que escreve e cabe ressaltar os critérios dessa análise:

Por negativo, colocamos tudo o que estabelece um discurso de desmerecimento, descrédito ou dúvida em relação às benzedeiiras. E por imparcial, colocamos tudo o que apenas menciona o código para adjetivar, enumerar, exemplificar a narrativa que está fazendo, sem que isso entre em seu contexto específico.

Como positivo, mencionamos todas as situações que dão crédito a prática ou destaque, visto que o jornal tem seus critérios de importância ao fazer escolhas do posicionamento gráfico de suas matérias. Nada que está na capa do jornal é fruto do acaso, mas sim, de uma intencionalidade. Quanto maior o destaque, maior a importância daquele assunto para a sociedade, para o jornal ou para a pessoa ou para a instituição a quem este jornal está servindo. Logo, se as benzedeiiras estão em destaque na capa ou reportagem de página inteira, é por que de alguma forma se tornaram representantes naquela sociedade. Esclarecido os critérios de classificação da direção, voltamos a pensar sobre o porquê dessa mudança ao longo do período.

2.2 - Resultados e discussões

Tendo aqui exposto a metodologia da pesquisa, seguimos para a análise e resultados. Das 58 ocorrências, já previamente analisadas individualmente, as primeiras três ocorrências que vão de 1949 a 1976, se encontram classificadas com discurso de direção negativa, sendo que apenas a partir da década de 1980 que as personagens aparecem sendo citadas de forma positiva ou imparcial. Relacionamos, a seguir, as

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

ocorrências consideradas mais relevantes dentro do estudo proposto acerca das benzedeadas nas páginas do jornal *O Pioneiro* de Caxias do Sul, na segunda metade do século XX.

2.2.1 - Um personagem controverso em uma sociedade conservadora

Benzedores, curadores, xamãs e até mesmo feiticeiros, sempre foram procurados pelo homem na falta de compreensão diante de um fenômeno da vida, ou seja, na busca de uma explicação diante do imponderável, bem como na procura de uma solução para as suas consequências. Não nos cabe aqui, pela objetividade que requer esse trabalho, fazer as diferenciações entre esses personagens, tampouco, nos aprofundarmos em razões antropológicas e psicossociais, ficará para um outro momento. O certo é que independente da época, esses personagens são procurados, porque dão a impressão ao homem, de ter algum controle diante das adversidades da vida (Quintana, 1999).

Podemos dizer que a arte de benzer iniciou-se no Brasil ainda no século XVI, quando as expedições marítimas que aqui desembarcaram trouxeram rezadeiras portuguesas perseguidas pela Inquisição em seu país de origem. Chegando aqui, mesclaram sincreticamente seus conhecimentos com o dos povos autóctones, aprendendo a tratar as doenças tropicais e resistiram prestando serviços à colonizadores e colonizados na falta de assistência médica. Sendo uma personagem, ou melhor, um agente social construído pela configuração de diversas práticas, a maneira como se deixa ver e é vista; aceita ou não pela sua comunidade e pelas instituições oficiais, pode variar de acordo com a sua região e com as crenças às quais os sujeitos locais estão ligados.

No caso da cidade de Caxias do Sul, uma cidade de colonização étnica religiosa e conservadora e em um jornal com iguais condições, podemos perceber um certo “preconceito” inicial, embora as citações demonstrem que benzedeadas existiam e estavam inseridas naquele meio. Logo, se existiam naquele momento, é porque suas práticas eram procuradas, porém, não reconhecidas e valorizadas como práticas subjetivas e de importância social.

É possível perceber a presença dessas personagens logo na ocorrência nº 1, do código “benzedeadas”, datado 26/02/1949 (citado em exemplo nos quadros acima). Essa

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

coluna, faz menção e crítica à disputa entre farmacêuticos formados nas instituições de ensino oficiais e os chamados “práticos”, pessoas que exerciam funções semelhantes, porém, pelo conhecimento adquirido através da prática experienciada no cotidiano e não da vivência acadêmica. Essa disputa já havia começado no final do século XIX e por volta da década de 1930, o advento da indústria farmacêutica deixou os práticos, que faziam as manipulações nas farmácias, ou boticas como eram conhecidas na época, sem função específica. Contudo, em 1931 houve também a publicação do Decreto nº 19.606 que dispôs sobre a profissão farmacêutica e seu exercício no Brasil. Essas alterações na configuração até então estabelecida, geraram um campo de disputas entre “práticos” e farmacêuticos diplomados, fazendo “respingar” nas benzedeadas que também se utilizavam de ervas e terapêuticas de cura populares.

Nessa ocorrência, classificamos o código pela unidade de contexto de direção “negativa”. Poderíamos ter classificado como “imparcial”, estivesse apenas citando as benzedeadas como exemplo de práticas não oficializadas e que ocorrem no país, porém, há uma contradição no que diz respeito a pagamentos, como defende a coluna. Sabemos, por pesquisas já realizadas na área, que a grande maioria das benzedeadas tem por critério não aceitar pagamentos, visto que entendem a prática como uma retribuição pelo dom que lhes foi dado por um grau espiritual superior. Quase como uma imposição. Aceitam doações a cargo do consulente, mas não estipulam valores e nem impõe essa retribuição pelo serviço prestado.

Outro aspecto que o dom vai determinar é a gratuidade do atendimento. O que se recebeu de graça, de graça se deve dar (Dona Helena). Entre as benzedeadas, é uma constante fazer referência a que nunca se cobra nada de ninguém. No entanto, é explicado que, se alguém dar alguma coisa, será bem aceita. (Quintana, 1999, p.87)

Quintana (1999) segue afirmando que “alguns benzedores, chegam a fazer referência ao desprezo pelo dinheiro”, pois acreditam que o seu dom estaria acima dos valores materiais, o que os colocaria “numa posição superior a seus clientes, independente das condições financeiras destes” (Quintana, 1999, p.90). Sendo assim, colocá-las de forma generalizante e vulgar em um mesmo lugar de ação, como pessoas que “ganham um bom dinheiro, não pagam impostos e “trabalham” com toda a liberdade e garantia dos poderes públicos, alguns chegando mesmo a ficarem ricos e fazendeiros” (O Pioneiro,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

1949, p.07), é uma forma de deturpar a imagem dessas pessoas sem considerar suas regras de conduta subjetivas.

A direção ou o olhar negativo se repete na segunda ocorrência do mesmo código, de forma ainda mais explícita, pois o contexto coloca as práticas das benzedeadas como “desvios de conduta religiosa”. Essa segunda reportagem de 13 de maio de 1969, tem por título “Os Santos Discutidos”, faz críticas e questiona os motivos e os critérios que orientaram a reforma do calendário litúrgico, instituído pelo último Concílio Eucumênico da Igreja Católica (Concílio Vaticano II), em uma série de conferências que se deram entre 1962 e 1965. Aprovado em 14 de fevereiro de 1969, o novo calendário litúrgico entraria em vigor a partir de 01 de janeiro de 1970, tirando da sua lista alguns santos e colocando outros. O texto discorre sobre os critérios estabelecidos pelo Concílio; sobre as mudanças propostas e também sobre a desnecessária preocupação da população diante da retirada de alguns santos do calendário, visto que a Igreja Católica afirma que o único que merece adoração é Jesus Cristo e não os santos. Esses seriam apenas “amigos” de Cristo, merecendo apenas a nossa veneração. Nesse ponto, o escritor faz uma crítica aos católicos que desviam de sua devoção e as pessoas que seguem outras religiões ou crenças:

Mas o povo às vezes se desvia de sua devoção, tanto no Brasil como em outras partes: Por exemplo: os escravos no Brasil, eram obrigados a receber o batismo dos cristãos, mas nem por isso abandonavam a religião que traziam da África, e - para disfarçar, festejavam santos cristãos, mas de fato cultuavam divindades africanas: Assim São Jorge era o deus Ogum e Nossa Senhora era Iemanjá, deusa das águas. É uma deturpação entre outras, difícil de desarraigar da tradição e da alma popular. Há também muita mistura de fenômenos parapsicológicos que são atribuídos a milagres de santos: é só observar certas benzedeadas ou médiuns espíritas. Mesmo muitos católicos seguem superstições que revelam um verdadeiro atraso religioso: sofrem por que tem medo de quebrar uma corrente de orações; não distinguem o verdadeiro sentido de uma novena e agarram-se a detalhes que podem ser dispensados; guardam imagens horríveis de feias ou quebradas por medo de desonrar os santos [...] (O Pioneiro, p.10 - 31/05/1969 - Ed.00030)

Segundo Coelho (2017), “a Igreja Católica condena, critica e não aceita muitas das práticas religiosas populares, pois estas apresentam misturas heterodoxas, onde se confundem o folclore, a superstição, a magia e a fé religiosa original”, e isto permaneceu claro com o Concílio Vaticano II. Pelas concepções doutrinárias da Igreja Católica, apenas

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

os padres têm o poder da benção, não sendo admitidas outras práticas de benção e devoção, consideradas profanas.

Outra situação de mesmo caráter, temos na edição de 24 de abril de 1976, em uma reportagem de página inteira escrita pela jornalista Suzete Dallegrave, sob o título “O gaúcho e sua Medicina”. O texto fala sobre os modos de cura pelos quais transita o povo rio-grandense e tem um olhar desconfiado as práticas populares:

Não resta dúvida que a medicina popular exerceu e ainda hoje exerce grande concorrência a oficial, pois o curandeirismo com seus benzedores, as comadres e vizinhas sabidas, imperam no meio rural, podendo pôr em perigo, diariamente, em muitos casos, um grande número de vidas, que em razão delas se omitem de procurarem um médico. (...) Verificamos, também, a existência, em certas crendices da afirmativa de que muitas pessoas tem o poder de, pelo olhar, por feitiço ou quebranto em lugares ou coisas determinadas, assim certas moléstias desconhecidas por apresentarem sintomas pouco definidos, logo são tachadas de mau olhado, feitiço ou quebranto. Logo, então, se chama o curandeiro ou benzedeira, que com gestos, palavras normalmente incompreensíveis, mas que impressionam os circunstantes e sugestiona o paciente de tal forma que, muitas vezes cria nele um estado mental favorável a cura, se o seu organismo tiver força suficiente a reagir e pela própria natureza vencer o mal que o atacou.” (O Pioneiro, p.10 - 24/04/1976 - Ed.00047)

Na reportagem de 1976, a jornalista busca uma resposta para a eficácia de certas crendices, mas nesse período a antropologia já se debruçava a estudar sobre as práticas mágicas e sua ação no corpo fisiológico. O que a jornalista descreve como "sugestionamento a um estado mental favorável a cura", vai ao encontro do estudo de Lévi-Strauss (1973), a respeito dos feitiços e suas consequências no corpo fisiológico do enfeitado. O mesmo compreendeu que a eficácia das práticas mágicas (e aqui podemos pensar nos benzimentos e na possibilidade de cura a que se propõe) como resultados de três aspectos complementares: a crença do feiticeiro, a crença do doente e a confiança e exigência da opinião coletiva. Esses três fatores, segundo Lévi-Strauss (1973) vão de encontro ao que Cannon (1942) concluiu:

Cannon mostrou que o medo, assim como a cólera, se faz acompanhar de uma atividade particularmente intensa do sistema nervoso simpático. Esta atividade é normalmente útil, acarretando modificações orgânicas que possibilitam ao indivíduo se adaptar a uma situação nova; mas seu indivíduo não dispõe de nenhuma resposta instintiva ou adquirida para uma situação extraordinária, ou que ele considere como tal, atividade do simpático se amplia e se desorganiza e pode em algumas horas às vezes, determinar uma diminuição do

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

volume sanguíneo e uma queda de pressão concomitante, tendo como resultado desgastes irreparáveis para os órgãos da circulação. (Lévi-Strauss, 1973, p.193)

O sugestionamento mencionado pela jornalista tem fundamento à medida que a benzedeira acredita na própria prática; o consulente acredita nas técnicas da benzedeira e quando existe o que Lévi-Strauss chama de *consensus coletivo*, que seria a credulidade e a crítica também do grupo em que o consulente está inserido. Da mesma forma que o sugestionamento do feitiço age sob o corpo, definhando-o, o sugestionamento do benzimento age, curando. Embora reconheça a existência e a procura pela prática, bem como a eventual cura pelo benzimento, ao mesmo tempo a jornalista coloca a atuação no campo da superstição e da credence popular.

E essa visão pejorativa dada às práticas das benzedeiros persiste no decorrer dos anos 1950, 60 e 70. A transformação é lenta e sutil no discurso do jornal. Os únicos 03 registros encontrados entre os anos de 1949 e 1969 são de direção negativa, é apenas a partir da década de 1980, que as ocorrências passam a ser apenas positivas ou imparciais, embora a distinção entre benzedeiros, cartomantes e bruxas ainda não sejam esclarecidas nas páginas do jornal, que as coloca como membros integrantes do mesmo grupo de práticas.

2.2.2 - Novos olhares a respeito das benzedeiros

Caxias do Sul, colonizada em 1875 por imigrantes italianos vindos de diversas partes da Itália, nasce em meio a divergências políticas, mas tendo como elemento aglutinante a religião católica e o conservadorismo de determinados setores da Igreja. Temia-se o comunismo e qualquer prática mística que não fosse regada pelos padrões católico-cristãos. A partir do início da segunda metade do século XX, Caxias do Sul já era uma cidade promissora e de forte caráter industrial e comercial e começava a fortalecer suas bases culturais patrimoniais, com investimento em monumentos, artes e educação. A cidade, que já tinha destaque estadual e nacional, passa a se abrir para o mundo, através do desenvolvimento de suas indústrias (principalmente o setor metal mecânico), comércio e setor de produção agrícola. É nesse período que, atraídos pelo desenvolvimento e pelas oportunidades de emprego, que muitas pessoas começam a migrar do campo para a cidade, o que, naquele momento, também era um movimento a

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

nível nacional. O país aspirava à modernidade e desenvolvimento com o início do governo de Juscelino Kubitschek. É quando a maior parte das benzedeadas que conhecemos hoje, ou seus pais, migraram da área rural para a zona urbana.

Não nos cabe fazer um histórico completo do desenvolvimento político e econômico da cidade neste trabalho, apenas apresentar pontos elementares para o entendimento do contexto social em que nossas personagens estavam inseridas e promover uma discussão inicial, visto que não encontramos trabalhos acadêmicos aprofundados sobre a temática das benzedeadas e benzedores nesta região. O que podemos afirmar é que essa análise prova a existência dessas personagens neste recorte geográfico e temporal e uma lacuna de estudos sobre as mesmas e pensamos que o viés cultural conservador e católico, ainda fortemente arraigado no século XX, somado ao positivismo que imperava nos padrões estabelecidos oficialmente, fossem responsáveis pelo olhar desconfiado a práticas de cura que divergiam de suas moralidades e regras.

Mas o que faz com que as benzedeadas e benzedores parem de aparecer negativamente nas páginas do jornal *O Pioneiro* a partir da década de 1980, pode ser, além do contexto de progresso e modernidade que contempla uma maior diversidade étnica, de interesses e de identidades naquela região, uma mudança de mentalidades que atingiu todas as áreas científicas, levando o positivismo a um patamar técnico, porém, ultrapassado. A Nova História Cultural, nasce na França em 1970 e embora chegue com atraso no Brasil, seu movimento causa um reflexo a nível mundial. Com o aporte da sociologia, da antropologia, da psicanálise, enfim, uma interdisciplinaridade entre as ciências humanas, admitiu-se novas metodologias e novos campos de estudo, considerando relevante um olhar dirigido às camadas mais subalternas da sociedade e seus personagens. Amplia-se a visão e a aceitação da multiplicidade de práticas e representações que formam o tecido social.

O contraste entre a modernidade e avanços tecnológicos e as práticas de cura das benzedeadas se apresentam na ocorrência 04 do código “benzedeadas” (uma coluna de 1976), a única desse período que menciona as práticas das benzedeadas como válidas. O texto fala a respeito dos medicamentos que os astronautas levaram até a lua (em 20/07/1969). Dentre eles estava a aspirina, citada como medicamento há muito tempo conhecido das “velhas benzedeadas”.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A partir da década de 1980, as ocorrências são positivas ou imparciais. É interessante mencionar a ocorrência nº 06 do código “benzedeadas”, de 1982, uma reportagem assinada por Mário Gardelin, importante jornalista, escritor, historiador e professor que veio a falecer em 2019 e deixou vasta bibliografia, principalmente sobre a imigração italiana no Rio Grande do Sul. Nessa reportagem, Gardelin fala sobre o lançamento de um livro de outro importante historiador, Antônio Ducatti Neto, sob o título “O Grande Erechim e sua História”, livro este, ainda hoje muito utilizado no meio acadêmico. Nessa reportagem, percebemos as benzedeadas citadas pela primeira vez como objetos de pesquisa, logo reconhecidas como personagens partícipes da construção social e cultural.

A mudança de discurso frente às benzedeadas é claramente vista nos anos 1990. O país vivia uma crise inflacionária e a política do Plano Collor, levou muitas pessoas a perderem suas reservas. A procura por um conforto, uma previsão, um benzimento parece ter sido uma alternativa aceita para aquele momento de angústias e incertezas. Nas páginas dos classificados do jornal *O Pioneiro*, encontramos diversos anúncios de oferta de benzimento, leitura de búzios e cartas entre 1996 e 1999. E uma ocorrência específica, vale ser citada porque demonstra não apenas a direção, mas a aceitação e procura que as benzedeadas passam a ter naquele período. A ocorrência de nº 08 do código “benzedeadas”, edição 04595, traz a reportagem de Marliva Gonçalves com fotografia e manchete de capa: “Procura por benzedeadas provoca formação de filas nos bairros” no dia 06 de agosto de 1990, o que denota a relevância da temática. Internamente, a página 13 é toda dedicada a revelar o fenômeno que vem ocorrendo dentro daquele tempo e espaço social.

Com a crise econômica que assombra o brasileiro há anos, a saúde física e mental virou artigo de luxo. Por isso, benzedeadas e mães de santo substituem médicos e psicólogos. Elas são opções reais de consolo e cura. Muitas vezes se tornam mães adotivas, lidando com sentimentos ocultos, obtusos e profundos, aconselhando e restaurando a esperança. (*O Pioneiro*, 1990, p.13)

Dois aspectos dessa reportagem são relevantes a uma análise: o destaque gráfico e o fato do jornal não distinguir as benzedeadas conforme suas práticas, classificando no mesmo conceito e contexto benzedeadas e mães de santo; as que curam com orações ou com ervas e gratuitamente e aquelas que jogam búzios e cartas e cobram pelo serviço. Essa diferenciação não era relevante ou então, não era do conhecimento do jornalista, mas provam as diferentes vertentes e o sincretismo religioso brasileiro.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A reportagem cita três benzedeadas que, em comum, alegam a necessidade de fé por parte do consulente, mas diferem em algumas práticas. Dona Alzira de 60 anos, é médica por formação institucional, mas que ao ser curada de um câncer no seio em uma benzedeadora na Bahia, largou a medicina convencional e passou a curar através de benzimentos e do jogo de búzios, cobrando, a época 300,00 cruzeiros. Diz ser católica e atender mais de 400 pessoas por dia, a grande maioria em desespero financeiro. Já dona Magdalena, de 80 anos, diz ser acompanhada pelo espírito de uma cigana, mas que atualmente benze apenas com ervas, orações e imposição das mãos, sem necessidade do baralho cigano. É surda e faz previsões sobre o futuro com a ajuda da interlocução de seu filho. Dona Alice, terceira benzedeadora citada pela reportagem, também está em uma cadeira de rodas devido a idade avançada e diz ter aprendido a benzer há 45 anos atrás com a sua sogra, utilizando um copo d'água e arruda. Não cobra nada pelo seu serviço e diz ficar feliz em poder ajudar.

Na reportagem, temos três mulheres que buscam legitimar as suas práticas através de outros: seja pela afirmação de pertencimento a Igreja católica, ainda que suas práticas se voltem a outras matrizes, como é o caso de dona Alzira; aos serviços e consultas prestadas por dona Magdalena a médicos homeopatas, devido ao seu conhecimento sobre ervas; e pela grande procura e gratuidade dos serviços como no caso de dona Alice. Essa necessidade de legitimação se dá pelo preconceito que rondou por muito tempo as mulheres que praticavam qualquer tipo de terapêutica alternativa, como menciona a própria reportagem:

Consideradas bruxas em épocas passadas, as benzedeadas são hoje a opção de doentes desenganados e pessoas que não possuem condições de pagar assistência médica. Jogando búzios, benzendo com ervas ou somente com a mão, elas são requisitadas por um público que chega a formar grandes filas à espera de uma consulta. ” (O Pioneiro, 1990, p.13)

A busca pelo benzimento se dava pelos mais diferentes motivos, como enfermidades do corpo, aflição financeira e previsão de futuro. Essa situação narrada nas páginas do jornal, vem ao encontro do que concluiu Beatriz Teixeira Weber, quando diz que “a amplitude do que era “tratado” por esses rituais indica que “saúde” era algo mais amplo do que só a inexistência de doença: incluía enlace matrimonial ou amoroso, conforto material e espiritual, amizades e bons relacionamentos. “ (p.184). O trabalho de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Weber abraça um período mais longínquo do tempo presente, mas tem enorme relevância para entendermos as práticas de cura no Rio Grande do Sul, entre elas o benzimento.

De forma controversa, na mesma década em que as benzedeadas começam a aparecer de forma mais frequente nas páginas dos jornais, em 1995 (OC 10 – código “benzedeadas”), aparece uma reportagem que menciona as benzedeadas entre as profissões que estão desaparecendo. De hereges, passam a ser vistas e mencionadas como profissionais, a quem se recorre “para curar males que a medicina não consegue abrandar” (O Pioneiro, 1995, p. 02).

No mesmo ano, com direito a manchete e foto na capa de uma edição de final de semana do *O Pioneiro* (edição 05984), são comemorados os 100 anos de vida de Maria Neves, famosa benzedeadas do Bairro Kayser. Na página 03, a manchete já anuncia a “Trajetória Centenária de Dom e Amor” e a reportagem exalta a vivacidade, lucidez e serviços prestados por dona Maria:

Declamando versinhos e agradecendo a “Jesus Cristo”, a benzedeadas orgulha-se de já ter passado por cem primaveras. (...) Em frente ao fogão, cozinhando massa, a benzedeadas filósofa: “o que a gente quer fazer, a gente faz, é tudo uma questão de fé” (O Pioneiro, 1995, p.03)

Na ocasião, a reportagem relatava um pouco da vida de dona Maria Neves dos Passos, que morava em um porão alugado, tivera três filhos legítimos e outros cem filhos adotivos, tendo como renda apenas um salário mínimo e o valor dos panos de prato, tricôs e crochês que ainda faz e vende para ajudar no seu sustento e no sustento de duas crianças adotadas, ainda menores de idade e que moram com ela. Dona Maria diz benzer em torno de 40 pessoas por dia, entre crianças e adultos do entorno e também de outras cidades. Percebe-se a relação estreita de confiança que dona Maria Neves tem com a sua comunidade, desenvolvida através de serviços prestados e acolhimento. Essa relação de apreço existente entre as benzedeadas e suas comunidades é muito comum, pois além de cuidar dos males do corpo e da alma, elas também são conselheiras e atuam em diversas frentes de convívio e relações. São chamadas para apaziguar brigas e aconselhar nas condutas e decisões comunitárias.

O misticismo parece estar muito presente nas páginas do jornal nos anos 1990. De 1996 a 1999, 26 edições trouxeram anúncios de declaradas benzedeadas/cartomantes nas páginas dos classificados do jornal, oferecendo os seus serviços de adivinhações e

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

benzimentos. E em 1998, outra reportagem de página inteira é vista na ocorrência nº 12 do código “benzedeiras”, da edição 07116. Aqui, os termos benzedeira, feiticeira e bruxa se misturam, porém, a reportagem procura mostrar os personagens e suas práticas de forma imparcial e deixando a crítica a cargo de cada leitor. A direção positiva aqui, se dá em função do destaque e da naturalidade a que passa a ser tratado o tema. A reportagem traz a narrativa de três personagens que trabalham com o universo místico e que têm a intenção de desfazer a imagem negativa a que foram atreladas suas antecessoras. Pela descrição dada pela reportagem, percebe-se que estas mulheres já são mais influenciadas pelos movimentos espiritualistas pós-modernos, como o Neoxamanismo, a Wicca e o Sagrado Feminino que segundo Câmara (2020) se baseia na “cura pela intercessão feminina” (Câmara, p.503).

O resultado da AC desse acervo do jornal *O Pioneiro*, vem ao encontro de algumas questões já levantadas por pesquisadores antropólogos e historiadores. As benzedeadas resistiram ao tempo e às modificações estruturais da sociedade pela relação que conseguem estabelecer com os demais membros da sociedade. Mesmo que relativizadas as bruxas, mães de santo e demais personagens, buscam se estabelecer de forma absoluta em suas práticas e na representação da fé e do consolo espiritual. A importância de mantermos essa memória viva, se dá pela constituição de nossos cosmos individuais e coletivos, dos quais elas fizeram parte e lá estão estabelecidas. Nosso olhar diante da medicina e da religiosidade tem um pouco do que nos foi passado por essas mulheres de luta e de cura.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para fazermos essa AC, procuramos investigar os trabalhos já realizados sobre o tema naquela região, visto que nossa análise certificou a presença das benzedeadas na cidade de Caxias do Sul, porém, pouca coisa encontramos. Mesmo pesquisando no repositório de dissertações e teses da Universidade de Caxias do Sul (UCS), principal e maior instituição acadêmica da região, encontramos apenas um trabalho que menciona diretamente as benzedeadas. É a dissertação de mestrado de Caroline Lipreri Andreolla

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

(2019), sobre o patrimônio cultural em Fazenda Souza, distrito de Caxias do Sul, mas que remonta ao período mais contemporâneo.

A Análise de Conteúdo de Laurence Bardin, se mostra uma ferramenta importante e eficiente para fazermos pesquisas qualitativas nas mais variadas áreas de conhecimento. Esse trabalho empenhou-se em analisar a forma como o jornal *O Pioneiro* retratava as benzedoras e benzedores na segunda metade do século XX, e através do caminho da pesquisa, descrever os passos da AC. Buscamos atingir dois propósitos, um de descrição metodológica da AC e outro de investigação a respeito das benzedoras e benzedores. Os resultados a que chegamos confirmam a presença dessas personagens naquele espaço geográfico e temporal, bem como as mudanças de discurso a respeito de seus modos de ser e de fazer. Ora vistas com maus olhos, ora homenageadas. Embora não se encontrem muitos trabalhos que as referenciam, a História Cultural e suas variadas fontes e objetos de pesquisa possíveis, tem espaço para retratar a benzedora e o benzedor como um participante importante da construção social de dada sociedade. Consideramos esse caminho aberto e esse trabalho, um primeiro levantamento para trabalhos vindouros que contemplem essas personagens que “curam dores da alma e do corpo”.

Referências Bibliográficas

ANDREOLLA, Caroline Lipreri - **Inventário Participativo De Patrimônio Cultural Em Fazenda Souza/RS**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História – Mestrado Profissional, da Universidade de Caxias do Sul, como requisito para obtenção do grau de Mestre em História. Caxias do Sul, RS, 2019.

BOCCHESI, Marcell. - **Representações de Leitura em Crônicas Literárias de Jornais de Caxias do Sul (1963 a 1983)** - Tese apresentada ao Programa de Doutorado em Letras – Associação Ampla UCS/UNIRITTER – como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Letras – Caxias do Sul - RS, 2019.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural**. 2ª edição. Editora Zahar, 2008. Rio de Janeiro – RJ.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

CÂMERA, Yls Rabelo. **Das bruxas, saludadoras, santeiras, cuspidoras e meigas européias às atuais rezadeiras tradicionais brasileiras.** Artigo Revista Caminhos. PUC Goiás. Goiânia - GO; 2020.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os Vermes.** Ed. Schwarcz S.A., São Paulo - SP, 2006.

GOMES, Laurentino. **1808 - Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil.** Ed. Globo, Rio de Janeiro - RJ; 2014.

JORNAL *O PIONEIRO*. Acervo Digital da Hemeroteca Nacional. 1948 a 2002. Acesso em março/2021.

JORNAL *O PIONEIRO*. Versão on line

[\[pio.clicrbs.com.br/almanaque/829/central.html#:~:text=%C3%80%20%C3%A9poca%20denominado%20de%20%22O,bastante%20respaldo%20entre%20o%20empresariado\]\(http://especiais-pio.clicrbs.com.br/almanaque/829/central.html#:~:text=%C3%80%20%C3%A9poca%20denominado%20de%20%22O,bastante%20respaldo%20entre%20o%20empresariado\)](http://especiais-</p></div><div data-bbox=)

acesso em 11/03/2021 as 18:34h.

QUINTANA, Alberto Manuel. **A Ciência da Benzedura: mau olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise.** Editora EDUSC, 1999. Bauru – SP.

SILVA, Túlio dos Reis. **O Crescimento Urbano Na Cidade De Caxias Do Sul Nos Anos De 1972 A 1988: Uma Contribuição Ao Ensino Da História Local.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História – Mestrado Profissional da Universidade de Caxias do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História. Caxias do Sul, RS, 2016.

WEBER, Beatriz Teixeira. **As Artes de Curar: Medicina, Religião, Magia e Positivismo na República Rio-Grandense - 1889/1928.** Santa Maria: Ed. da UFSM; Bauru: EDUSC - Editora da Universidade do Sagrado Coração; 1999.